

ISSN 2675-7281
Volume 07 - Nº 41, Outubro/2026

[عَم]CORPOS

revista pós-pornográfica de fotografia

TRANSSEX

nesta edição 'this edition,
chris, the red
'abhiyana,
órion lalli
'rainnery queer core



Esta revista leva o selo DUOCU,
formado pelos artistas
[this magazine bears the
DUOCU label,
created by the artists]
Bruno Novadvorski &
Chris, The Red
www.duocu.art.br



Direitos e Comprometimento:

As imagens constantes na [pós]CORPOS©
são de autoria do seu criador - Chris, The Red -
e por outros artistas que, gentilmente,
as cederam para serem publicadas com as devidas
permissões de direitos autorais.

A [pós]CORPOS© está comprometida com artistas
e todos os direitos autorais estão reservados.
Nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de
forma mecânica ou digital sem autorização prévia por
escrito do editor-chefe da [pós]CORPOS ou do artista.

Outras imagens - que possam ser utilizadas -
são livres de direitos autorais.
No entanto, se houver uso injusto e/ou direitos
autorais violados, entre em contato.

Rights and Commitment:

The images featured in [pós]CORPOS©
are the work of their creator - Chris, The Red -
and other artists who have kindly
granted permission for them to be published, subject
to the relevant copyright permissions.

[pós]CORPOS© is committed to supporting artists
and all copyright is reserved. No part of this magazine
may be reproduced mechanically or digitally without
prior written authorisation from the editor-in-chief of
[pós]CORPOS or the artist.

Other images - which may be used -
are in the public domain.
However, in the event of unfair use and/or copyright
infringement, please contact us.

São Paulo - SP

editorial

Ainda na adolescência, eu frequentava um cinema em Teresina, o Cine Rex. Era o único cinema da cidade naquela época e foi lá que tive minhas primeiras experiências sexuais no banheiro. O famoso banheirão. Os homens interessados em sexo sempre ficavam nas últimas fileiras, principalmente, nos filmes que não atraíam tantas pessoas e a sessão estava praticamente vazia. Os olhares, as passagens de mão no pau, o piscar de olhos. Eram as dicas para uma brincadeira mais gostosa no banheiro. Então, nos levantávamos da poltrona e íamos para o banheiro, onde tudo poderia acontecer. A tensão era grande, o medo de ser pego, mas o tesão era ainda maior. No ensaio principal, Alex e Eddy brincam gostoso no banheiro onde tudo é permitido. E neste banheiro, não há tensão, só tesão. Na coluna Corpas Falantes, uma grande amiga e uma escritora que admiro muito: Abhiyana. Nos Ensaios Pornossexualigráficos, direto de Paris, Órion Lalli. Em Gozos Contínuos, mais

[pós]Corpos© é uma publicação bimestral idealizada e criada pelo designer gráfico, artista visual e fotógrafo Chris, The Red, co-fundador do DUOCU em parceria com o artista visual Bruno Novadvorski.

Volume 07, Nº 41, Outubro/2026 (ISSN 2675-7281)

Edição e Redação Chris, The Red **Capa** Chris, The Red (fotografia) **Ensaio Fotográfico Principal:** Chris, The Red **Corpas Falantes:** Abhiyana **Ensaios Pornossexualigráficos:** Órion Lalli **Gozos Contínuos:** Rainnery QueerCore **Logotipo** The Red Studio by Chris, The Red **Projeto Gráfico e Direção de Arte** The Red Studio by Chris, The Red

um texto do Rainnery Queercore com seu caderno laranja e cuidados no Chemsex. Divirtam-se!.

[When I was a teenager, I used to go to a movie theater in Teresina called the Cine Rex. It was the only movie theater in town at the time, and that's where I had my first sexual experiences in the famous "Banheirão". Men interested in sex would sit in the back rows, especially during movies that didn't draw big crowds, when the theater was practically empty. There were glances, hands sliding over cocks, and winks. Those were the cues for some hot fun in the restroom. We'd get up from our seats and head to the restroom, where anything could happen. The fear of getting caught was real, but the horniness was even greater. In the main scene, Alex and Eddy have a steamy time in the bathroom where anything goes. In this bathroom, there's no tension, just horniness. In the "Corpas Falantes" column is a great friend and writer whom I admire greatly: Abhiyana. In the "Pornosexualigraphic Essays," straight from Paris, Órion Lalli. In "Gozos Contínuos", there's another piece by Rainnery Queercore with his orange notebook and tips on chemsex. Enjoy!]

Chris, The Red
editor-chefe [editor-in-chief]



Nota do editor

Esta é uma publicação de arte e fotografia que contém cenas de nudez, sexo explícito e genitais. Consulte com cuidado caso sinta-se ofendido. Todas as imagens presentes nesta publicação são de autoria do editor/criador Chris, The Red. Assim, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem prévia autorização. Se tiver interesse de participar como modelo nos ensaios fotográficos das próximas edições, entre em contato.

[Editor's note]

[This is an art and photography publication containing scenes of nudity, explicit sex and genitalia. Please view with caution if you may find this offensive. All images in this publication are the work of the editor/creator, Chris, The Red. Therefore, no part of this publication may be reproduced mechanically or digitally without prior authorisation. If you are interested in taking part as a model in the photo shoots for future issues, please contact.]



Mr. Corn. por [by] Chris, The Red. Berlim,Alemanha [Berlin, Germany]. 2026

nesta edição [this edition]

06 **Ensaio Principal**

Transex

por [by] Chris, The Red

70 **Corpas Falantes**

Cão [Dog]

por [by] Abhiyana

84 **Ensaio Pornossexualigráficos**

3 x Órion

por [by] Órion Lalli

96 **Gozos Contínuos**

[meu caderno laranja]

O último eclipse do ano.

A mesma droga, outro abismo

por [by] Rainnery Queer Core

110 **Sobre redução de danos
no chemsex. O eclipse como
espelho: entre a sombra
e o cuidado**

por [by] Rainnery Queer Core

Transex

fotos por [photos by]

Chris, The Red

com [with]

Alex & Eddy Asian

















TRAN





































































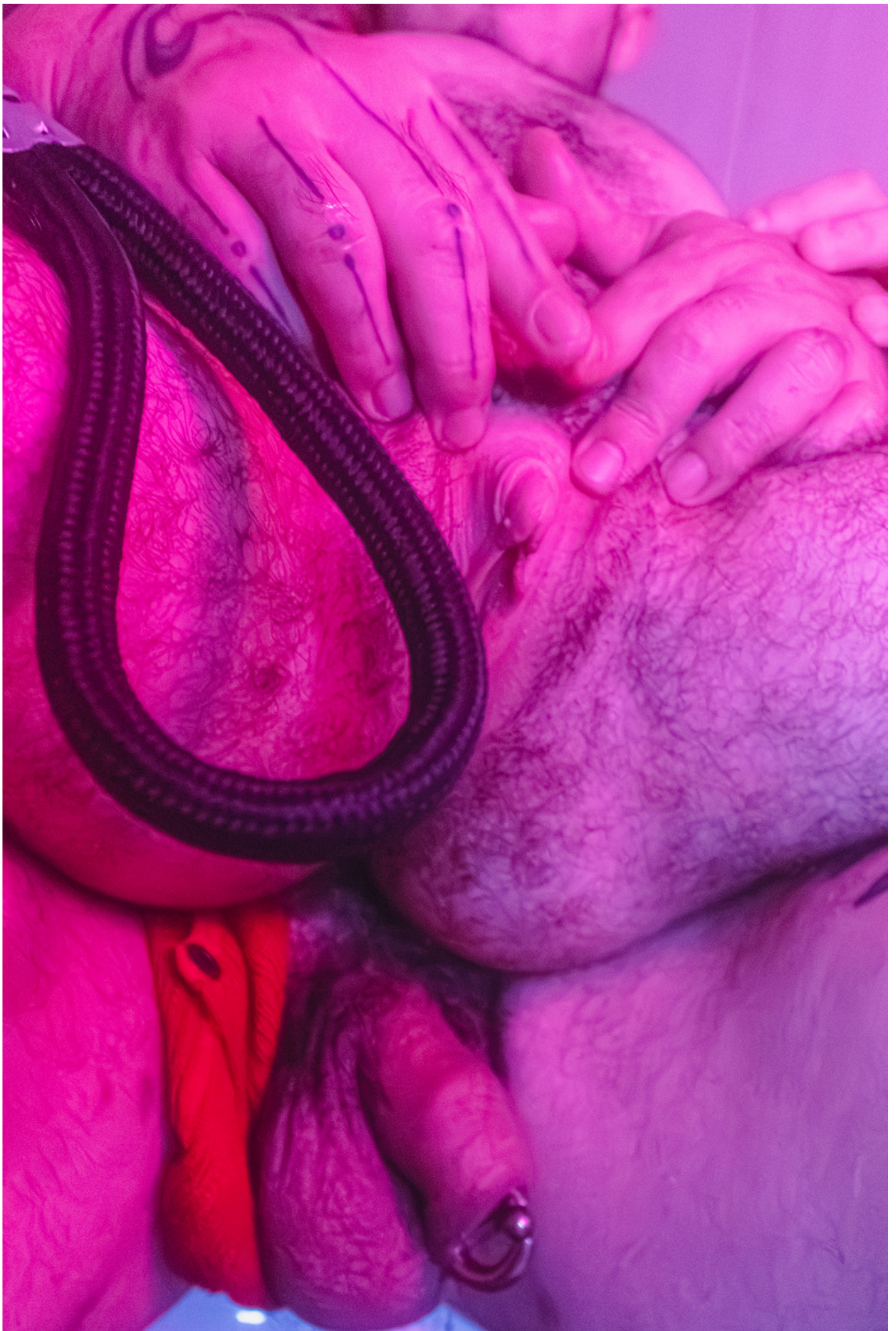






































CORPAS FALANTES

Cão

71

Abhiyana



Esses dias eu aprendi sobre o efeito *halo*.

73

Também conhecido como efeito auréola, é um viés cognitivo em que uma única impressão positiva (ou negativa) sobre alguém faz a gente generalizar essa impressão para outras características, mesmo sem provas.

Por exemplo, tendemos a presumir que uma pessoa atraente também seja gentil, inteligente e confiável.

No reino do sexo, isso acontece muito e pode ser perigoso. A gente fica desbaratinada pelo tesão, se emociona além da conta, sem medir as consequências.

Numa noite em SP resolvi ir até um bar tomar um drink. Não esperava ninguém, mas torcia por uma companhia. Sentei no balcão e pedi uma dose de uísque.

A loucura já começou aí: o copo não veio do barman que estava atrás do balcão, na minha frente.

Veio de um homem que apareceu atrás de mim, em questão de segundos.

Titubeei em aceitar, mas ele era tão elegante e envolvente que foi impossível negar. Efeito *halo*.

Ele perguntou se poderia me acompanhar; dei uma estratégica olhada dos pés à cabeça e achei ele deliciosíssimo. Estava vestido todo de preto.

Lembro de dois itens: uma malha de gola alta e um coturno. Cabelo nem curto, nem comprido e um olhar de cão.

Eu e minha xavarana pensamos no mesmo momento: ca-ra-lho! Dei um gole no uísque e percebi que ele me olhava sem piscar.

Fez uma menção à música que tava tocando e me perguntou se eu gostava de rock — por causa das minhas tatuagens. Acho engraçado muitas vezes deduzirem meu gosto musical por causa das minhas tatuagens. E rock na verdade, é o gênero que eu menos escuto.

Veja, eu tenho tatuagens de caveira comendo cobra, demônios, bichos, mas em momentos de intensa melancolia, eu gosto de ouvir o Péricles cantando Lucidez. Mas não contei isso pro Venon....

O nome dele era Venon.

Já estava ponderando fazer amorzinho com Venon e lembrei que não estava com uma calcinha bonita, então falei pra ele que iria ao toilette. Se ele poderia cuidar do meu copo.

No meio da mijarada me achei totalmente irresponsável de deixar minha bebida com um desconhecido.

Joguei a calcinha no lixo, dei um grau no visual e saí rapidinho.

Mas, pra minha surpresa, nem meu copo nem Venon estavam no balcão. Meio sem graça, procurei o barman, que também havia sumido do seu posto.

Olhei ao redor e vi um corredor com pouca luz e, sei lá por que, me dirigi naquela direção.

Andei um pouco e dei de cara com uma escada antiga, que um dia devia ter sido dourada.

Ao lado tinha uma cortina de veludo vinho.

Fui tomada por uma sensação estranha. E naquele momento, eu senti medo.

Foi quando Venon mais uma vez me surpreendeu, se aproximando descaradamente do meu rosto:

- Estava me procurando?

Respondi de um jeito meio idiota que achava que sim. Mas que também queria meu drink... ele me entregou. Dei um gole com receio - e fiz uma oraçõzinha.

Mal terminei de tirar o copo da boca, o puto de preto se aproximou, me mordeu os lábios e perguntou: quer conhecer as cortinas?

— O que tem nas cortinas? Eu falei, já com a xereska chorando...

— A escuridão, muitos ácaros e um pouco de privacidade. Eu ri e achei ele meio psicopata.

Segurou minha mão e nos embrenhamos nas cortinas.

Pra nossa sorte e pra facilitar a vida, eu vestia minissaia.

Mal me situei quando senti a rola do Venon entrando na minha buceta. O mastruço nem tinha cravado totalmente, quando ele mandou no meu ouvido: vou encher sua buceta de porra.

Apesar de adorar uma porra na buceta, achei aquela afirmação bizarra e descabida. Mas não consegui negar...

Estava completamente arrebatada, molhada, fraca.

Nesse momento, eu temi estar copulando com o Sete Pele.

Não tinha mais volta; o bicho tava encavalado em mim.

Sabe quando o cão empossa a cadela e não tem deus que tire? Isso se chama laço copulatório (também conhecido como "nó").

Quando o macho penetra, o bulbo do pênis incha dentro da vagina da fêmea, fazendo com que eles fiquem "presos" um ao outro.

Eu sentia a extrovenga do Venon inchando brutalmente dentro de mim. E isso me fez sentir um prazer inenarrável.

Eu pensei: caralho, essa pica vai explodir dentro de mim, não é possível uma coisa dessas!

Foi quando a coisa virou e ele começou a me morder...
mas não morder de um jeito gostoso...
E sim como um cão raivoso.

Tentei empurrar ele. Foi quando percebi que vivia a
síndrome do encarceramento; não conseguia falar,
tampouco me mexer.

Pensei: Pronto, é agora. Chegou a minha hora.
Não acredito que eu, Abhiyana Textos Putos Vida Loka,
vou morrer nas mãos de um macho!?

Mas olha como a coisa virou: do nada lembrei do
personagem do Robson Nunes no filme Carandiru,
quando ele tá fudido, no meio daquela chacina, e ele
começa a orar o Salmo 91...

Fiz o mesmo, ainda que apenas em pensamento,
pois era tudo o que me restava.

Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo,
à sombra do Onipotente descansará...

E vou falar uma coisa pra vocês, porque pra vocês eu
posso falar:

Um milagre aconteceu... o pau do cão saltou para
fora da minha buceta, o que fez com que ele fosse
arremessado pra trás.

Me desembrenhei daquelas cortinas, voltei pro bar,
que não era mais bar — era um galpão —, e tinha uma
mulher sentada no meio, vendendo Yakult.

Eu falei: moça, pelo amor de deus, como saio daqui? Ela
não me olhou tampouco respondeu à minha pergunta.

Continuei procurando uma saída, num pânico sem
precedentes. Mas não via nada além de paredes.

Foi quando a mulher do Yakult se levantou devagar, tirou um maço de cigarros do avental e me ofereceu um. Recusei com a cabeça. Ela acendeu o dela, deu uma longa tragada e falou: 77

— O bar fechou há sete anos. Você entra aqui toda semana, pede uísque no balcão, senta, bebe e vai embora. Sozinha. Sempre sozinha.

Senti o chão sumir debaixo dos meus pés.

— E aquele cara que tava aqui? O Venon? — eu perguntei, a voz saindo fina, quase infantil.

Ela finalmente me olhou. Tinha uns olhos fundos, cansados, do tipo que já viram coisa demais.

— Venon era o nome do seu cachorro. Morreu junto com você naquele acidente, na noite em que você saiu do bar.

Ficamos em silêncio por um tempo que não consigo medir.

Então, ela pegou uma garrafinha de Yakult, colocou na minha mão e disse, quase com ternura:

— Pode ir, minha filha. Você já aprendeu o que veio aprender.

— O quê? — sussurrei.

— Que efeito *halo* não é só dos vivos.

Dei meia-volta. Desta vez havia uma porta onde antes era parede. Abri. Do outro lado não tinha escuridão, não tinha bar, não tinha cortina.

Tinha luz. E o Venon me esperando, abanando o rabo. }

Dog

I recently learned about the halo effect.

Also known as the halo bias, it is a cognitive bias in which a single positive (or negative) impression of someone leads us to generalize that impression to other characteristics, even without evidence.

For example, we tend to assume that an attractive person is also kind, intelligent, and trustworthy.

In the realm of sex, this happens a lot and can be dangerous. We get swept away by lust, get overly emotional, without considering the consequences.

One night in São Paulo, I decided to go to a bar for a drink. I wasn't expecting anyone, but I was hoping for some company. I sat at the bar and ordered a shot of whiskey.

That's when the madness began: the glass didn't come from the bartender standing behind the bar, right in front of me.

It came from a man who appeared behind me, in a matter of seconds.

I hesitated to accept it, but he was so elegant and charming that it was impossible to refuse. The halo effect.

He asked if he could join me; I gave him a strategic once-over from head to toe and found him absolutely irresistible. He was dressed all in black.

I remember two things: a turtleneck and combat boots. His hair was neither short nor long, and he had a dog-like gaze.

My pussy and I thought the same thing at the exact same moment: holy shit!

I took a sip of whiskey and realized he was staring at me without blinking.

He mentioned the song that was playing and asked me if I liked rock—because of my tattoos. I find it funny how people often assume my musical taste based on my tattoos. And rock, actually, is the genre I listen to the least.

You see, I have tattoos of skulls eating snakes, demons, and animals, but in moments of intense melancholy, I like to listen to Péricles singing “Lucidez.” But I didn’t tell Venon that....

His name was Venon.

I was already thinking about hooking up with Venon when I remembered I wasn’t wearing any cute panties, so I told him I was going to the restroom. I asked if he could watch my drink.

While I was peeing, I realized how totally irresponsible it was to leave my drink with a stranger.

I threw my panties in the trash, touched up my look, and hurried out.

But, to my surprise, neither my drink nor Venon were on the counter. Feeling a little awkward, I looked for the bartender, who had also vanished from his post. I looked around and saw a dimly lit hallway, and—I don’t know why—I headed in that direction.

I walked a little way and came across an old staircase that must once have been gilded. Next to it was a burgundy velvet curtain.

I was overcome by a strange feeling. And in that moment, I felt afraid.

That’s when Venon surprised me once again, brazenly approaching my face:

“Were you looking for me?”

I replied in a kind of silly way that I thought so. But that I also wanted my drink... he handed it to me. I took a cautious sip—and said a little prayer.

No sooner had I taken the glass from my mouth than the guy in black approached, bit my lips, and asked, "Want to check out the curtains?"

"What's behind the curtains?" I asked, already getting turned on...

"Darkness, lots of dust mites, and a little privacy." I laughed and thought he was a bit of a psychopath.

He took my hand, and we slipped behind the curtains.

Luckily for us—and to make things easier—I was wearing a miniskirt.

I'd barely gotten settled when I felt Venon's cock sliding into my pussy. His massive cock hadn't even fully entered me yet when he whispered in my ear: "I'm going to fill your pussy with cum."

Even though I love getting cum in my pussy, I found that statement bizarre and out of place. But I couldn't deny it... I was completely swept away, wet, weak.

At that moment, I feared I was having sex with Sete Pele. There was no turning back; the beast was straddling me. You know when a dog mounts a female dog and there's no way to pry them apart? That's called a copulatory lock (also known as a "knot").

When the male penetrates, the bulb of his penis swells inside the female's vagina, causing them to become "locked" together.

I could feel Venon's cock swelling violently inside me. And that gave me indescribable pleasure.

I thought: Fuck, this cock is going to explode inside me—this can't be real!

That's when things took a turn and he started biting me... but not in a pleasurable way... more like a rabid dog.

I tried to push him away. That's when I realized I was experiencing entrapment syndrome; I couldn't speak or move.

I thought: "That's it, this is it." My time has come. I can't believe that I, Abhiyana Textos Putos Vida Loka, am going to die at the hands of a guy!?

*But look how things turned out: out of nowhere, I remembered Robson Nunes' character in the movie *Carandiru*, when he's screwed, in the middle of that massacre, and he starts reciting Psalm 91...*

I did the same, even if only in my mind, because it was all I had left.

He who dwells in the shelter of the Most High will rest in the shadow of the Almighty...

And I'm going to tell you something, because I can speak to you:

A miracle happened... the dog's dick popped out of my pussy, which sent him flying backward.

I wriggled free from those curtains, went back to the bar—which wasn't a bar anymore; it was a warehouse—and there was a woman sitting in the middle, selling Yakult.

I said, "Miss, for God's sake, how do I get out of here?" She didn't look at me or answer my question.

I kept looking for a way out, in a state of unprecedented panic. But I couldn't see anything but walls.

That's when the Yakult woman slowly stood up, took a pack of cigarettes from her apron, and offered me one. I shook my head in refusal. She lit hers, took a long drag, and said:

"The bar closed seven years ago." "You come in here every week, order whiskey at the bar, sit down, drink, and leave. Alone.

Always alone.”

I felt the ground disappear beneath my feet.

“What about that guy who was here? Venon?” I asked, my voice coming out high-pitched, almost childlike.

She finally looked at me. She had deep-set, tired eyes—the kind that have seen far too much.

“Venon was the name of your dog. He died with you in that accident, the night you left the bar.”

We were silent for a time I can’t quite measure.

Then, she picked up a small bottle of Yakult, placed it in my hand, and said, almost tenderly:

“You may go, my child.”

“You’ve already learned what you came here to learn.”

“What?” I whispered.

“That the halo effect isn’t just for the living.”

I turned around. This time there was a door where there had once been a wall. I opened it. On the other side, there was no darkness, no bar, no curtain.

There was light. And Venon was waiting for me, wagging his tail.[[]

Abhiyana. Escritora, atriz, comunicadora e autora de *Pequenos Textos Putos e Ilustrações Pornográficas Aleatórias*, *Por Que Gozar é Tão Bom?* — *Textos Putos Vol. 2*, *O Manual do Sexo Anal — Dicas, Reflexões, Prazeres e Condutas do Cu* e *Intumescências Literárias — Textos Putos Vol. 4*. Há mais de uma década, constrói uma trajetória que atravessa literatura, teatro e narrativa sonora, colocando o desejo, o prazer e a autonomia sexual feminina no centro de seu trabalho. Criadora do projeto e podcast *Textos Putos*, transforma experiências íntimas, inquietações e desejos em narrativas que exploram, com liberdade e irreverência, as complexidades da sexualidade e das relações humanas. É também criadora do método *Quem Disse Que Dói?*, uma abordagem dedicada à educação sexual, ao autoconhecimento e à expansão das possibilidades de prazer.

*[Writer, actress, broadcaster, and author of *Pequenos Textos Putos e Ilustrações Pornográficas Aleatórias*, *Por Que Gozar é Tão Bom? — Textos Putos Vol. 2*, *O Manual do Sexo Anal — Dicas, Reflexões, Prazeres e Condutas do Cu*, and *Intumescências Literárias — Textos Putos Vol. 4*. For over a decade, she has been building a career that spans literature, theater, and audio storytelling, placing desire, pleasure, and female sexual autonomy at the center of her work. As the creator of the Textos Putos project and podcast, she transforms intimate experiences, anxieties, and desires into narratives that explore, with freedom and irreverence, the complexities of sexuality and human relationships. She is also the creator of the “Quem Disse Que Dói?” method, an approach dedicated to sex education, self-knowledge, and the expansion of possibilities for pleasure.]*



@abhiyana



<https://bio.link/abhiyana>

ENSAIOS PORNOSEXUALIGRÁFICOS



3 x Órion

por [by] Órion Lalli

p. 103, 105 & 106

Ménage à Trois

Veneza [Venice], Itália [Italy], 2025

p. 107, 108 & 109

Cockring

Bois de Boulogne, Paris, França [France], 2025

p. 110 & 111

Sem título [no title]

Veneza [Venice], Itália [Italy], 2025

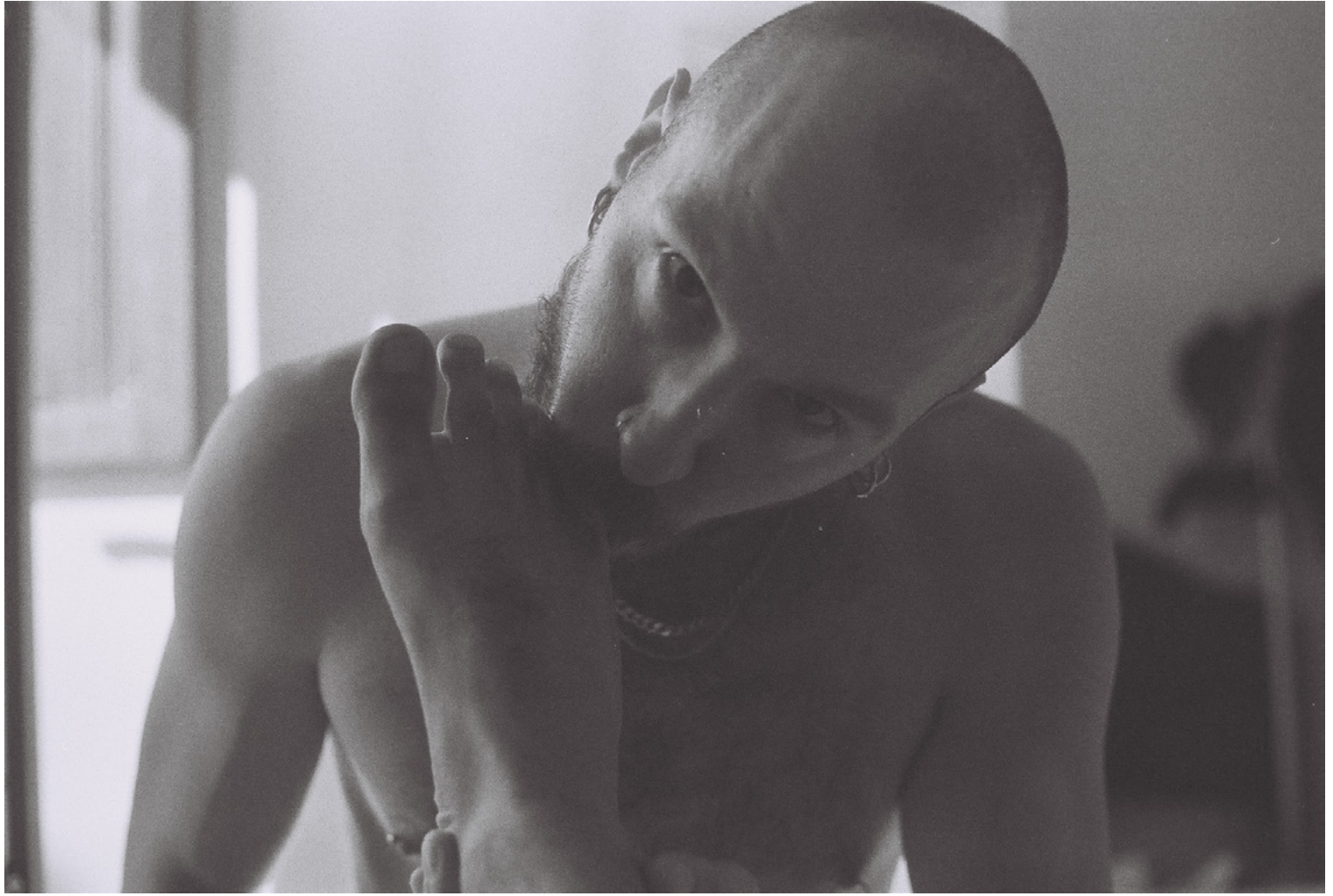














Órion Lalli. Artista multidisciplinar brasileiro cuja prática se situa na intersecção entre o teatro, a performance e as artes visuais. Desde 2005, o seu trabalho de investigação centra-se nas relações entre a dança-teatro e a performance, desenvolvendo uma abordagem centrada no corpo como arquivo político. Reconhecido como ativista dos direitos humanos pela Front Line Defenders, foi perseguido e ameaçado em 2020 no Brasil por «blasfémia» por deputados ligados ao governo de Bolsonaro. Perante a intensificação das ameaças, abandonou o país e obteve asilo político na França, em 2022.

[Brazilian multidisciplinary artist whose practice lies at the intersection of theater, performance, and the visual arts. Since 2005, his research has focused on the relationships between dance-theater and performance, developing an approach centered on the body as a political archive. Recognized as a human rights activist by Front Line Defenders, he was persecuted and threatened in 2020 in Brazil for “blasphemy” by lawmakers linked to the Bolsonaro administration. Faced with escalating threats, he left the country and was granted political asylum in France in 2022.]



@orionlalli



orionlalli.com.br

Tem um ensaio pornossexualigráfico (pornográfico, erótico, pós-pornográfico, explícito, metafórico e afins)? Envie seu ensaio entre 05 a 10 imagens e se ele for aprovado, será publicado em uma das edições da [pós]CORPOS.

[Do you have an essay that is pornosexualigrafic (pornographic, erotic, post-pornographic, explicit or metaphorical)? Submit your essay, which should include five to ten images, and if it is approved, it will be published in an issue of [pós]CORPOS.]

Acesse e preencha o formulário:

[Go to the website and fill out the form:]

<https://forms.gle/Fsbu8BpnWDDGu3iYA>

GOZOS CONTÍNUOS



[meu caderno laranja] O último eclipse do ano. A mesma droga, outro abismo

por [by] Rainnery Queer Core

Talvez Jung dissesse que a gente não procura apenas pessoas.
Procura aquilo que projetou nelas.
Uma imagem de escolha.
Um desejo de ser escolhido.
Um lugar onde, finalmente, alguém nos veja.
E talvez seja por isso que duas pessoas possam usar a mesma substância, do mesmo jeito, na mesma cena — e ainda assim estarem vivendo coisas completamente diferentes.
Uma busca o corpo.
Outra busca o que imagina existir depois do encontro.
Uma busca intensidade.
Outra busca conexão.
Uma procura alguém para atravessar a noite.
Outra procura, naquele alguém, a sensação de finalmente não estar sozinha.
E existe uma coisa cruel nisso:
o toque acontece.
O beijo acontece.
O abraço acontece.
O corpo responde.
Existem palavras que parecem cuidado, olhares que parecem presença, gestos que parecem afeto.
Mas, naquele eclipse, os dois mundos não se cruzam.
Uma seringa aproxima a pele, mas não necessariamente aproxima duas existências.
Como se o cérebro dissesse:
“Eu reconheço o gesto.
Mas não reconheço o vínculo.”
E talvez seja aí que a droga se torne tão complexa.
Ela pode aproximar corpos sem necessariamente aproximar pessoas.

Pode aumentar a intensidade
sem aumentar a intimidade.

Pode tornar uma experiência inesquecível e, ainda
assim, deixar a conexão impossível de alcançar.

Porque talvez existam duas buscas acontecendo na
mesma cena:

a busca pelo prazer

e a busca por alguém dentro do prazer.

E nenhuma dessas buscas é necessariamente errada.

Mas existe uma pergunta que começa a incomodar:

O que eu realmente quero quando digo que quero
alguém comigo?

Quero o corpo?

Quero companhia?

Quero desejo?

Quero ser escolhido?

Quero ser visto?

Quero alguém que fique quando a intensidade acabar?

Porque talvez o problema não seja querer alguém.

Talvez seja não saber onde procurar aquilo que
realmente queremos encontrar.

Quando a substância começa a ocupar o lugar daquilo
que gostaríamos de construir, ela pode virar uma ponte
que nunca chega ao outro lado.

Segurança.

Presença.

Pertencimento.

Desejo de permanecer.

Reciprocidade.

Talvez eu tenha passado tempo demais confundindo
intensidade com encontro.

Chamando de conexão aquilo que era apenas proximidade química.

Porque existe uma diferença entre alguém tocar meu corpo e alguma coisa em mim se sentir tocada.

Existe uma diferença entre ser desejado e ser percebido.

Entre receber carinho e conseguir acreditar nele.

Entre estar acompanhado e não se sentir sozinho.

E talvez essa seja a pergunta que fica depois que o eclipse passa:

Eu quero essa pessoa ou quero aquilo que imagino sentir quando estou com essa pessoa?

Talvez eu queira os dois.

Talvez eu queira ele.

Não uma versão dele produzida pela noite.

Não uma presença mediada pela substância.

Não alguém que apenas esteja ali.

Eu quero ele comigo.

Quero encontrar alguém que também queira estar.

Quero uma frequência que não precise ser fabricada.

Um tom que não precise ser aumentado.

Uma presença que não desapareça quando o efeito passar.

Porque a mesma droga pode existir em duas histórias.

O mesmo sexo.

O mesmo toque.

A mesma cena.

Mas outro contexto.

Outra história.

Outra falta.
Outro cérebro tentando dar
significado ao que acontece.
E talvez o que eu chamava de busca por prazer fosse,
no fundo,
uma tentativa desesperada de encontrar frequência
com alguém.
O mesmo tom.
A mesma presença.
A mesma vontade de ficar.
Mas nenhuma substância consegue fabricar
reciprocidade.
Ela pode alterar a percepção.
Pode amplificar a sensação.
Pode diminuir a distância entre dois corpos.
Mas não pode garantir que dois mundos tenham
realmente se encontrado.
E talvez seja por isso que
o orgasmo não seja a resposta.
Porque é possível chegar
ao ápice e continuar procurando.
É possível estar acompanhado e continuar sozinho.
É possível ser tocado e continuar intocado.
É possível atravessar uma noite inteira com alguém
e perceber, quando o eclipse termina,
que aquilo que você queria
não era apenas uma experiência.
Era alguém.
Alguém que você pudesse olhar e pensar:
"Eu quero você comigo."
E talvez a pergunta não seja mais:



“Como faço para sentir mais?”

Talvez seja:

“O que preciso reconhecer em mim para conseguir encontrar quem eu realmente quero?”

Porque amar talvez seja também parar de procurar no excesso aquilo que só pode existir na presença.

A droga pode mudar a frequência.

Mas talvez o amor seja encontrar alguém que consiga escutar a sua frequência

sem que você precise aumentá-la. [[]

Chemsex: prazer também é cuidado



[my orange notebook]

The last eclipse of the year. Same old story, another abyss

*Perhaps Jung would say that
we don't just seek out people.
We seek what we've projected onto them.
An image of choice.
A desire to be chosen.
A place where, finally, someone sees us.
And perhaps that's why two people can use the same
substance, in the same way, in the same setting—and
yet be experiencing completely different things.
One seeks the body.
Another seeks what
they imagine exists after the encounter.
One seeks intensity.
The other seeks connection.
One looks for someone to spend the night with.
The other looks, in that someone,
for the feeling of finally not being alone.
And there's something cruel about this:
the touch happens.
The kiss happens.
The embrace ha
There are words that seem like care, glances that seem
like presence, gestures that seem like affection.*

But, in that eclipse, the two worlds do not intersect.
A syringe brings the skin closer,
but it does not necessarily bring two lives closer.
As if the brain were saying:
"I recognize the gesture. But I do not recognize the bond."
And perhaps that is where the drug becomes so complex.
It can bring bodies closer without
necessarily bringing people closer.
You can increase the intensity without increasing intimacy.
You can make an experience unforgettable and yet leave the
connection out of reach.
Because perhaps there are two searches taking place in the
same moment: the search for pleasure and the search for
someone within that pleasure.
And neither of these searches is necessarily wrong.
But there's a question that starts to bother us:
What do I really want when I say I want someone with me?
Do I want the body?
Do I want companionship?
Do I want desire?
Do I want to be chosen?
Do I want to be seen?
Do I want someone who will stay when the intensity fades?
Because maybe the problem isn't wanting someone.
Maybe it's not knowing where
to look for what we really want to find.
When the experience itself starts to take the place of what
we'd like to build, it can become a bridge that
never reaches the other side.
Security. Presence. Belonging.
The desire to stay. Reciprocity.
Maybe I've spent too much time confusing
intensity with connection.

*Calling a connection what was
merely chemical attraction.*

*Because there's a difference between someone
touching my body and something inside me feeling
touched.*

*There's a difference between being
desired and being noticed.*

*Between receiving affection and
being able to believe in it.*

Between being in company and not feeling alone.

*And perhaps that's the question that remains after the
eclipse passes:*

***Do I want this person, or do I want what I imagine I feel
when I'm with this person? ***

Maybe I want both.

Maybe I want him.

Not a version of him created by the night.

Not a presence mediated by the substance.

Not someone who's just there.

I want him with me.

I want to find someone who also wants to be there.

I want a connection that doesn't need to be fabricated.

A tone that doesn't need to be amplified.

*A presence that doesn't disappear when the effect wears
off. Because the same drug can exist in two different
stories.*

The same sex.

The same touch.

The same scene.

But a different context.

A different story.

Another absence.

Another mind trying to make sense of what's happening.

And perhaps what I used to call the pursuit of pleasure was, deep down, a desperate attempt to find a connection with someone.
The same tone.
The same presence.
The same desire to stay.
But no substance can create reciprocity.
It can alter perception.
It can amplify sensation.
It can bridge the distance between two bodies.
But it can't guarantee that two worlds have truly met.
And maybe that's why orgasm isn't the answer.
Because it's possible to reach the peak and keep searching.
It's possible to be with someone and still feel alone.
It's possible to be touched and still feel untouched.
It's possible to spend an entire night with someone and realize, when the eclipse ends, that what you wanted wasn't just an experience.
It was someone.
Someone you could look at and think, "I want you with me."
And perhaps the question is no longer, "How do I feel more?"
Perhaps it is, "What do I need to recognize in myself to be able to find the one I truly want?"
Because loving may also mean stopping the excessive search for what can only exist in the present moment.
Drugs can change your frequency.
But maybe love is finding someone who can hear your frequency without you having to turn it up.^[1]

Chemsex:
pleasure also means taking care

Sobre redução de danos no chemsex. O eclipse como espelho: entre a sombra e o cuidado

por [by] Rainnery Queer Core

Talvez Jung nos lembrasse que aquilo que mais nos atravessa nem sempre está do lado de fora.

Às vezes, encontramos no outro uma imagem de alguma coisa que já estava dentro de nós.

Projetamos desejo.

Projetamos abandono.

Projetamos pertencimento.



Projetamos a possibilidade de sermos escolhidos.

E, por alguns instantes, acreditamos que encontramos no outro aquilo que, na verdade, estávamos procurando em nós.

É por isso que o eclipse é uma imagem tão potente para pensar o prazer, a sexualidade e a redução de danos.

Porque um eclipse não destrói a luz.

Ele produz sombra.

E a sombra, na perspectiva junguiana, não é simplesmente aquilo que há de ruim em nós. É também aquilo que não reconhecemos, aquilo que reprimimos, aquilo que não conseguimos integrar à imagem que construímos de nós mesmos.

Talvez seja justamente por isso que algumas experiências de intensidade nos confrontem tanto.

Quando a substância altera a percepção, quando o sexo ganha outra dimensão, quando o desejo se torna urgente, quando a noite parece suspender as regras habituais, algumas partes nossas podem aparecer com uma força que o cotidiano consegue manter escondida.

A questão não é perguntar imediatamente:

“O que há de errado comigo?”

Talvez seja perguntar:

“O que essa experiência está tentando me mostrar?”

Essa pergunta muda tudo.

Porque redução de danos não começa necessariamente dizendo para alguém parar.

Começa criando condições para que essa pessoa consiga olhar para o que está acontecendo.

O que eu busco?

O que me dá prazer?

Onde está meu limite?

O que acontece comigo antes do uso?

O que acontece durante?

E, principalmente:

o que acontece depois?

Talvez uma pessoa esteja buscando sexo.

Outra esteja buscando conexão.

Outra esteja tentando silenciar uma solidão.

Outra esteja procurando intensidade.

Outra esteja tentando sentir alguma coisa.

A mesma prática pode carregar significados completamente diferentes.

É aí que saúde mental e saúde sexual deixam de ser campos separados.

O corpo não transa sozinho.

A mente não deseja sozinha.

A sexualidade acontece dentro de uma história.

E essa história inclui afetos, traumas, fantasias, vínculos, autoestima, pertencimento, prazer, medo, consentimento e contexto social.

Por isso, falar de redução de danos no campo do chemsex é também falar sobre subjetividade.

Não basta conhecer a substância.

Precisamos conhecer a relação que construímos com ela.

Não basta perguntar quanto alguém usa.

É preciso perguntar o que aquela experiência significa.

O que ela possibilita?

O que ela substitui?

O que ela intensifica?

E o que ela tenta tornar suportável?

Essa é uma perspectiva que pode aproximar Jung de uma prática contemporânea de cuidado.

Não para transformar a psicanálise em manual de redução de danos, nem para transformar espiritualidade em tratamento.

Mas para utilizar a linguagem simbólica como ferramenta de reflexão.

O eclipse pode representar exatamente isso:

um momento em que alguma coisa se encobre para que outra coisa possa ser percebida.

Na simbologia espiritual, os eclipses frequentemente aparecem associados a transições, encerramentos e mudanças de ciclo.

Peixes, por sua vez, é tradicionalmente associado à dissolução, à intuição, à sensibilidade e ao mundo interior.

Podemos olhar para tudo isso não como uma determinação sobre nossas vidas, mas como uma linguagem simbólica.

Uma maneira de perguntar:

o que precisa ser dissolvido em mim?

Talvez seja um vínculo.

Talvez seja uma repetição.

Talvez seja a necessidade de provar alguma coisa.

Talvez seja uma forma de buscar afeto.

Talvez seja a ideia de que só conseguimos sentir intensamente quando ultrapassamos nossos próprios limites.

E talvez o encerramento de um ciclo não seja abandonar o prazer.

Talvez seja abandonar uma determinada maneira de chegar até ele.

Isso também é redução de danos.

Encontrar outras possibilidades.

Criar pausas.

Reconhecer limites.

Ampliar estratégias de proteção.

Cuidar do corpo.

Cuidar da saúde sexual.

Buscar prevenção.

Conversar sobre consentimento.

Perceber sinais de sofrimento.

Procurar ajuda quando necessário.

E, principalmente, devolver à pessoa a capacidade de fazer escolhas sobre a própria vida.

O cuidado não precisa ser inimigo da intensidade.

Talvez precisemos justamente de uma cultura em que intensidade e cuidado possam existir na mesma frase.

Porque existe intensidade no desejo.

Existe intensidade no sexo.

Existe intensidade na dança.

Existe intensidade na criação.

Existe intensidade na intimidade.

Existe intensidade em conseguir dizer “não”.

Existe intensidade em conseguir dizer “eu quero”.

E existe uma intensidade silenciosa em permanecer inteiro depois de uma experiência que poderia ter nos fragmentado.

Talvez seja isso que significa integrar a sombra.

Não expulsá-la.

Não fingir que ela não existe.

Mas conseguir olhar para ela sem entregar a ela o comando da nossa vida.

O eclipse, então, não seria apenas o fim de alguma coisa.

Seria uma pausa entre duas formas de existir.

Antes da sombra.

Durante a sombra.

Depois da sombra.

E talvez cada ciclo encerrado nos ofereça uma oportunidade de perguntar novamente quem queremos ser.

Não uma versão purificada.

Não uma versão sem desejo.

Não uma versão sem contradições.

Mas uma versão mais consciente de si.

Uma versão que consiga reconhecer quando está procurando uma pessoa e quando está procurando aquilo que imagina sentir através dela.

Uma versão que consiga distinguir intensidade de intimidade.

Proximidade de vínculo.

Desejo de pertencimento.

Prazer de fuga.

E que consiga reconhecer que nenhuma substância pode fabricar reciprocidade.

Ela pode alterar a percepção.

Pode amplificar sensações.

Pode modificar a experiência.

Mas não pode garantir que dois mundos tenham realmente se encontrado.

Talvez o trabalho de cuidado comece exatamente nesse reconhecimento.

Quando conseguimos perguntar o que existe por trás do comportamento, abrimos espaço para outras escolhas.

E talvez seja aí que a redução de danos encontre a dimensão mais profunda da saúde:

não apenas evitar que o corpo adoça,

mas criar condições para que a pessoa consiga continuar existindo, desejando, transando, experimentando, amando e escolhendo — com mais consciência sobre si.

O eclipse passa.

A sombra se desloca.

A luz retorna.

Mas alguma coisa permanece diferente depois que conseguimos olhar para aquilo que estava escondido.

Talvez não precisemos sair da noite com todas as respostas.

Talvez baste sair com perguntas melhores.

O que eu desejo?

Do que eu preciso?

O que estou tentando encontrar?

O que precisa terminar?

O que merece cuidado?

E talvez, finalmente:

como posso viver minha intensidade sem precisar me perder dentro dela?[_]

**Prazer com cuidado
é autocuidado.**

Harm reduction in chemsex.

The Eclipse as a Mirror: between Shadow and Care

Perhaps Jung would remind us that what moves us most is not always found on the outside.

Sometimes, we find in another person an image of something that was already within us.

We project desire.

We project abandonment.

We project a sense of belonging.

We project the possibility of being chosen.

And, for a few moments, we believe that we have found in the other person what we were actually looking for within ourselves.

That is why the eclipse is such a powerful image for reflecting on pleasure, sexuality, and harm reduction.

Because an eclipse does not destroy the light.

It casts a shadow.

And the shadow, from a Jungian perspective, is not simply what is bad within us.

It is also what we do not recognize, what we repress, what we cannot integrate into the image we have constructed of ourselves.

Perhaps that is precisely why certain intense experiences confront us so deeply.

When substances alter our perception, when sex takes on a new dimension, when desire becomes urgent, when the night seems

to suspend the usual rules, certain parts of ourselves may emerge with a force that everyday life manages to keep hidden.

The point isn't to immediately ask,

"What's wrong with me?"

Perhaps it's to ask,

"What is this experience trying to show me?"

That question changes everything.

Because harm reduction doesn't necessarily begin by telling someone to stop.

It starts by creating the conditions for that person to be able to look at what's happening.

What am I looking for?

What gives me pleasure?

Where is my limit?

What happens to me before I use it?

What happens during?

And, most importantly:

what happens afterward?

Perhaps one person is looking for sex.

Another is looking for connection.

Another might be trying to silence a sense of loneliness.

Another might be seeking intensity.

Another might be trying to feel something.

The same act can carry completely different meanings.

That's where mental health and sexual health cease to

be separate fields.

The body doesn't have sex on its own.

The mind doesn't desire on its own.

Sexuality unfolds within a narrative.

And that narrative includes emotions, traumas, fantasies, bonds, self-esteem, a sense of belonging, pleasure, fear, consent, and social context.

That is why talking about harm reduction in the context of chemsex also means talking about subjectivity.

It's not enough to know the substance.

We need to understand the relationship we've built with it.

It's not enough to ask how much someone uses.

We must ask what that experience means.

What does it make possible?

What does it replace?

What does it intensify?

And what does it try to make bearable?

This is a perspective that can bring Jung closer to a contemporary practice of care.

Not to turn psychoanalysis into a harm-reduction manual, nor to turn spirituality into a treatment.

But to use symbolic language as a tool for reflection.

An eclipse may represent exactly that:

a moment when something is obscured so that something else can be perceived.

In spiritual symbolism, eclipses are often associated with transitions, closures, and changes in cycles.

Pisces, in turn, is traditionally associated with dissolution, intuition, sensitivity, and the inner world.

We can view all of this not as a predetermined fate for our lives, but as a symbolic language.

One way to ask:

What needs to be dissolved within me?

Perhaps it's a bond.

Perhaps it's a pattern.

Perhaps it's the need to prove something.

Perhaps it's a way of seeking affection.

Perhaps it's the idea that we can only feel intensely when we push beyond our own limits.

And perhaps bringing a cycle to a close doesn't mean giving up pleasure.

Perhaps it means letting go of a certain way of achieving it.

This, too, is harm reduction.

Finding other possibilities.

Creating breaks.

Recognizing limits.

Expanding protective strategies.

Taking care of the body.

Taking care of sexual health.

Seeking prevention.

Talking about consent.

Recognizing signs of distress.

Seeking help when necessary.

And, above all, restoring a person's ability to make choices about their own life.

123

Care doesn't have to be the enemy of intensity.

Perhaps what we need is precisely a culture where intensity and care can coexist in the same sentence.

Because there is intensity in desire.

There is intensity in sex.

There is intensity in dance.

There is intensity in creation.

There is intensity in intimacy.

There is intensity in being able to say "no."

There is intensity in being able to say "I want to."

And there is a silent intensity in remaining whole after an experience that could have shattered us.

Perhaps that is what it means to integrate the shadow.

Not to expel it.

Not to pretend it doesn't exist.

But to be able to look at it without handing over control of our lives to it.

The eclipse, then, would not be merely the end of something.

It would be a pause between two ways of being.

Before the shadow.

During the shadow.

After the shadow.

And perhaps each cycle that comes to a close offers us an opportunity to ask ourselves once again who we want to be.

Not a purified version.

Not a version without desire.

Not a version without contradictions.

But a version that is more self-aware.

A version that can recognize when it is looking for a person and when it is looking for what it imagines it feels through that person.

A version that can distinguish intensity from intimacy.

Proximity from connection.

Desire for belonging.

The pleasure of escape.

And that can recognize that no substance can create reciprocity.

It can alter perception.

It can amplify sensations.

It can change the experience.

But it cannot guarantee that two worlds have truly met.

Perhaps the work of care begins precisely with this recognition.

When we manage to ask what lies behind behavior, we open up space for other choices.

And perhaps that is where harm reduction meets the deepest dimension of health:

not just preventing the body from getting sick,

but creating conditions so that a person can continue to exist, to desire, to have sex, to experiment, to love, and to choose—with greater self-awareness.

The eclipse passes.

The shadow shifts.

The light returns.

But something remains different after we've managed to look at what was hidden.

Perhaps we don't need to emerge from the night with all the answers.

Perhaps it's enough to emerge with better questions.

What do I desire?

What do I need?

What am I trying to find?

What needs to end?

What deserves care?

And perhaps, finally:

How can I live my intensity without losing myself in it?^[1]

Pleasure with care is self-care.



Rainnery Queer Core. Muito além das lógicas binárias, artista, ativista, redutora de danos. Traz sempre em seu trabalho os estigma das sexualidades, corpos e uso de substâncias. Prazer também é cuidado.

[Far beyond binary categories—artist, activist, harm reduction advocate. Her work consistently addresses the stigmas surrounding sexuality, bodies, and substance use. Pleasure is also care.]



@rainneryqueercore



@chemsexprazertambemecuidado

115 & 123

Fotos [photos]: Rainnery Queer Core

129

Desenho [drawing]: Pantupha



@pn.t.ph

PUTARIAS de Dr. Red







cena do filme Apenas Coisas Boas
scene from the movie Only Good Things

erótico

pornográfico
pornographic

qual a
diferença
what
differ



tico
erotic

cena de filme disponível no X Videos
scene from a movie available at X Videos website

?
is the
ence?



PORNOS SEXUALI GRAFIA

pornossexualigrafias.art.br



série

PUTTOS

exposição em progresso
de chris, the red

curadoria: dr. red

galeria putarias de dr. red
onnowplay.com/doctorred

realização

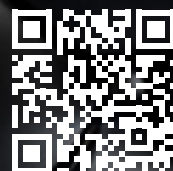
putarias
de
dr. Red

apoio



STUDIO

ARS
SEXU
ALIS





Título [title]: Laundry Day

Foto [photo]: Chris, The Red

Berlim, Alemanha [Berlin, Germany]

2026

<https:// pornossexualigrafias.art.br/sale-laundry-day>



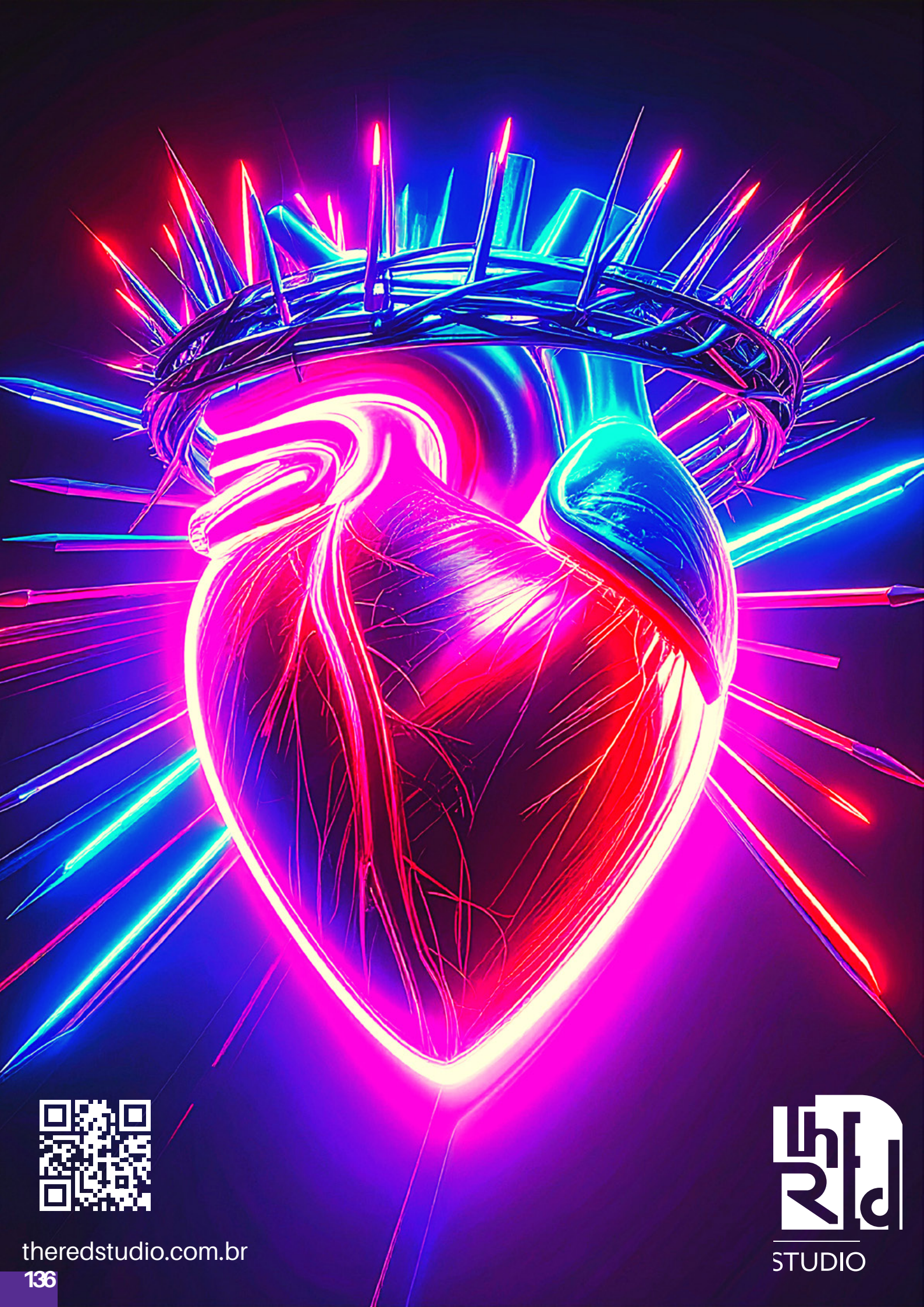
fenomenologia da
 pornossexualigrafia

PRELUDIO PRELUDE

phenomenology of
pornosexualigraphy



PORNOS
SEXUALI
GRAFIA



agradecimientos **[acknowledgments]**

Abhiyana

Alex

Eddy Asian

Lord Titto

Mr. Corn

Órion Lalli

Pantupha

Rainnery Queer Core

